



# ENSINO DE CANTO COLETIVO: um relato sobre práticas humanizadoras e integradoras no contexto do ensino do Canto Popular

---

Bárbara Maria Pereira Lima<sup>1</sup>  
Francimayre de Sousa Sabóia<sup>2</sup>

## **Teaching collective singing:** *a narrative on humanizing and integrative practices in the context of Popular Singing education*

### **Resumo:**

*Este relato aborda a experiência que vivi como docente no minicurso de canto popular, do Projeto de extensão FazerArte, com enfoque para a metodologia nele empregada e para os resultados obtidos. O referido minicurso, no qual, na qualidade de bolsista, atuei como instrutora, foi promovido pela Divisão de Cultura e Arte (atual Divisão de Bem-Estar) da Coordenadoria de Qualidade de Vida no Trabalho da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da Universidade Federal do Ceará e objetivava contribuir para o bem-estar psicossocial dos servidores e, também, era aberto à participação de trabalhadores terceirizados e estudantes da instituição e da comunidade externa. As atividades aconteceram em dois locais diferentes, PICI e Benfica. O trabalho que desenvolvi, em sala de aula, nasceu da minha busca por uma prática musical com ênfase para a sensibilidade, buscando abraçar o mundo sonoro dos participantes. Neste sentido, Hans-Joachim Koellreutter e R. Murray Schafer foram autores importantes e suas reflexões, aliadas às propostas de Jean Piaget, me proporcionaram o suporte teórico inicial para a construção de um ambiente acolhedor, humanizado e instigador do pensamento crítico, dentro do processo de ensino musical, tal como preconizado na pedagogia da Aprendizagem Musical Compartilhada.*

**Palavras-chave:** Canto coletivo. Socialização. Consciência corporal.

### **Abstract:**

*This account addresses my experience as a teacher in the short course on popular singing, within the FazerArte extension project, focusing on the methodology employed and the results achieved. The aforementioned short course, which I worked in as a scholarship holder, was promoted by the Department of Culture and Art of the Human Resources Pro-Rectorate at the Federal University of Ceará, aiming to contribute to the physical, psychological, and emotional well-being of employees, students, contractors, and also the external community. The work carried out in the classroom emerged from the quest to merge sensitivity with embracing the participants' sonorous world. In this effort, Hans-Joachim Koellreutter and R. Murray Schafer were important authors, and their reflections, combined with the proposals of Jean Piaget, provided me with the necessary theoretical support to construct a welcoming, humanized environment that fosters critical thinking within the process of musical education, as advocated in the Pedagogy of Shared Musical Learning.*

**Keywords:** Collective singing. Socialization. Body awareness.

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura da Universidade Federal do Ceará, bolsista da referido projeto de extensão.

<sup>2</sup> Mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior. Produtora Cultural. Pró-reitoria de Gestão de Pessoas/ UFC.

## 1. INTRODUÇÃO

Minha relação com a música iniciou-se bem cedo por meio dos discos compactos de cantores populares, tais como Raul Seixas, Leandro e Leonardo e Fagner, que a minha mãe colocava para escutar nos dias de faxina. Por meio daquela "escuta afetiva", minha musicalidade se desenvolveu com muita força. Meus pais nunca viveram profissionalmente para as artes, porém, minha mãe escrevia poesias e poemas, já meu pai cantava Luiz Gonzaga, com sua voz grave.

Na adolescência, não tive muito contato com o ensino formal de música, seja na escola pública, seja na escola particular, mas, aguardava ansiosamente que o futuro me desse a tão sonhada oportunidade de desenvolver meu canto com algum professor da área. Em 2018 esse sonho quase se realizou, mas, por timidez acabei não indo ao Conservatório de Música Alberto Nepomuceno e perdi a possibilidade de ter uma bolsa de estudos. Em 2019, devido às dificuldades da vida, me tornei membro de uma igreja protestante e por meio de um grupo de louvor, no qual se desenvolviam aspectos práticos do canto, pude ter meu primeiro contato com uma rotina de estudos e realizar meu antigo desejo. Por almejar me profissionalizar na área musical, em 2022 ingressei no curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Ceará.

Nos primeiros meses do curso tive muita dificuldade para compreender os novos assuntos, em especial aqueles concernentes à disciplina de Percepção e Solfejo, pois, eu desconhecia a teoria musical. Sendo assim, esse processo me frustrou bastante, pois não conseguia me encaixar adequadamente àquele mundo tão novo. Contudo, por meio de reflexões decorrentes de meu contato com a "Aprendizagem Musical Compartilhada", indo além das abordagens pedagógicas tradicionais, minha perspectiva começou a mudar e isso me ajudou a ressignificar minha condição de estudante. Sempre buscando ir além dos parâmetros estabelecidos, pude compreender várias possibilidades para o fazer musical, desenvolvendo minha criatividade e humanidade. Desta forma, compreendi possuir musicalidade mesmo não dominando a leitura musical das abordagens canônicas e me reconheci como musicista, uma vez que tais conhecimentos eram apenas ferramentas para compreender um tipo específico de música.

A metodologia tradicional, oriunda da cultura dos conservatórios, tornou-se, em pouco tempo, menos assustadora e não me causava mais tanto medo, uma vez que encontrei professores que me mostraram novos caminhos pedagógicos para a construção do conhecimento musical. Em algumas situações de aula, o corpo, a mente e o coração eram convocados para sentir e fazer música, colocando-me para além de uma perspectiva meramente racional.

Após um ano de faculdade, decidi concorrer a uma bolsa para lecionar canto, no intuito de obter suporte financeiro e contribuir para o projeto "FazerArte",

investindo, assim, em minha formação como musicista e professora de música.

A partir do mini curso de canto popular do projeto FazerArte iniciei-me na docência sob orientação da Professora Maria Juliana Linhares, e sendo coordenada pelos servidores Francimayre de Souza Sabóia e Pedro Harrison de Freitas Teixeira (vice-coordenador). Assim, iniciei a busca pela confiança necessária para iniciar as atividades do projeto.

O processo educativo me inspirou a escrever sobre este relato de experiência, no qual abordo a própria realidade nele vivida, a fim de expressar a necessidade de estabelecer um olhar cuidadoso para buscar resultados, tanto no que diz respeito à aquisição do conhecimento musical quanto ao incremento de possibilidades humanas.

## 2. METODOLOGIA

[...] Somente ouvindo a si e aos que lhes rodeiam, compartilhando-se e encontrando-se com a música que emerge de um desejo de autonomia e de liberdade, os sujeitos poderão almejar o fortalecimento de seus potenciais para a transformação, como sujeitos históricos, da realidade que insiste em lhes emudecer (Matos, 2024, p.129).

A partir das vivências como discente na universidade, entrei em sala de aula decidida a despertar consciência corporal e pensamento crítico nos participantes, além de ressaltar que, independentemente da insuficiência em conhecimentos de técnica vocal e teoria musical, eles poderiam fazer música juntos, construindo-a por meio da integração do grupo.

Nos primeiros encontros do projeto de extensão optei por iniciar as aulas conhecendo a história de vida de cada um dos participantes, na intenção de melhor compreender as motivações que levaram cada um desses a procurar aquele mini curso. Ficávamos em roda e cada pessoa contava sobre sua relação com a música.

Logo após colher aquelas informações, eu compartilhava o fato de serem aqueles os meus primeiros passos como docente e salientava que não me colocaria em um lugar de "dona do saber", ressaltando que ali iríamos construir juntos os conhecimentos que se desenvolveram a partir dos contatos semanais.

Por meio de minha experiência como coralista do Coral do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) e em reuniões de planejamento com a minha orientadora, elaborei atividades de socialização e de musicalização para estabelecer um ambiente propício à construção do saber musical. Para tanto, busquei me apropriar de referenciais teóricos e encontrei no construtivismo, tal como proposto por Piaget (1973), possibilidades para refletir sobre o processo educacional na perspectiva da interação entre o ser humano, o ambiente e os processos mentais concernentes aos indivíduos. Desta maneira, o processo educacional foi

alicerçado na interação entre os participantes e também destes com os novos objetos musicais com os quais trabalhei.

A dinâmica de trabalho no mini curso tinha início com exercícios para promover o alongamento e a flexibilidade corporal e eram seguidos por aquecimento vocal em grupo, sempre por meio de alguma estratégia dinâmica para que se estabelecesse um clima de confraternização através do qual os participantes pudessem criar um senso de intimidade no grupo. Após o momento inicial, eu explicava o conteúdo de técnica vocal que seria abordado conforme a metodologia que planejei anteriormente, para que depois eles pudessem colocar em prática com o repertório pessoal e coletivo.

O repertório coletivo foi construído por todos, pois, mesmo já tendo um tema definido pela coordenação do projeto, eu propunha, pedagogicamente, que todos se sentissem participantes ativos daquela produção musical que, em junho de 2023, foi apresentada no Sarau do Servidor.

### 3. DISCUSSÃO

Por consequência dessa primeira experiência educacional, como professora, comecei a perceber que o sentido ético da docência deve se contrapor à postura opressiva que muitas vezes permeia as relações entre estudantes e professores. Tal tipo de opressão parte da legitimidade de alguns conhecimentos em detrimento de outros e, assim, surge o que pode ser chamado como "única-verdade", isto é, o conhecimento criado dentro dos muros da universidade é o único legitimado como "acadêmico", com o aval da classe dominante (PEREIRA, 2013). É importante refletir que minha postura nasceu de uma necessidade de me contrapor ao *Habitus* conservatorial, Pereira (2013). Compreendo que o termo *Habitus* Conservatorial é usado para definir o *modus operandi* do ensino de música, calcado na tradição elitista dos conservatórios europeus, nos quais a educação musical se pauta em uma ênfase na técnica de execução e não no desenvolvimento da consciência corporal, emocional e política que condicionam o próprio processo de ensino.

O ensino tradicional, conservatorial, também exclui as minorias, como pessoas idosas, neurodivergentes e acometidas por doenças neurológicas, devido à sua dificuldade física ou mental. Assim, ao ter contato com este público em sala de aula, tive a oportunidade de desenvolver um olhar mais sensível para com as subjetividades das pessoas com as quais trabalho e para as quais me proponho ensinar música. Este novo olhar, distante das minhas impressões iniciais de formação, tornou-se o principal fator motivador das minhas aulas, nas quais busco ajudar os participantes a despertarem suas consciências sobre seu próprio ser musical, independente de suas limitações.

Para além das dificuldades motoras, também percebi que existiam dificuldades para a exploração do "corpo musical", por parte dos estudantes. Entendo que para

termos a produção de som humano precisamos de um corpo que possa, livremente, vibrar. Percebi que tive contato, em sala de aula, com corpos que já estavam condicionados por vários pudores e opressões, o que às vezes denotava dificuldade em abstração e concentração nas atividades que requerem o movimentar, o sentir a si mesmo e ao outro.

Ao inserir atividades voltadas ao trabalho de autopercepção, ou seja, exercícios que buscavam desenvolver a consciência sobre o próprio corpo, em sala de aula, os estudantes começaram a mergulhar em percepções mais aguçadas deles mesmos, bem como, de uns com os outros. Este movimento sugere uma conexão com a pedagogia da Aprendizagem Musical Compartilhada, pois, a produção do saber musical vai surgindo dessa interação entre todos, mas, também, do que cada pessoa externa a partir de suas próprias percepções, conforme Matos (2024, p. 124) aponta: "para que o sujeito possa, musicalmente, compartilhar a si mesmo e receber as emanações musicais de seus parceiros planetários é necessário que lhe seja proporcionado um ambiente seguro para o encontro consigo e com os outros".

Ao me aproximar dessa ideia de que os sujeitos são musicais e que a música pode emanar de cada ser humano, de cada sujeito, como apontado por Matos (2024), faz-se necessária uma busca pela desconstrução dos métodos e das pedagogias tradicionais de ensino de música, que compõem o *Habitus* Conservatorial que o professor Marcus Pereira (2013) nos apresentou.

Assim, aprendi que o ensino precisa acolher as mais variadas diferenças e trazê-las ao objetivo almejado por todos em um processo compartilhado de educação que deve ser construído em grupo, pois, com tal ação teremos uma maximização da formação musical do aluno por meio do processo de socialização e inclusão.

Ainda no que tange ao trabalho pedagógico, busquei priorizar, a partir do contato que tive com o pensamento do educador musical Hans-Joachim Koellreutter (Brito, 2015), a valorização de formas alternativas e inclusivas de aprendizagem musical. Dessa forma, os participantes se sentiam à vontade para se expressarem sem medo de serem avaliados por mim, pois o cerne das aulas era, sobretudo, conhecer e valorizar a musicalidade de cada um.

Sempre fiz questão de buscar promover o desenvolvimento de uma consciência musical e humana integral. Por isso, as aulas tornaram-se cada vez mais lúdicas, leves e descontraídas devido à minha busca por uma metodologia menos segregadora e menos tradicional buscando ser mais acolhedora, empática e humana. Em resumo, busquei caminhar na mesma linha de pensamento pedagógico do referido educador musical. Brito (2015, p. 2015), apresenta que Koellreutter visava uma pedagogia que buscasse "a superação de dualismos, de preconceitos, de visões separatistas e desagregadoras [...] que ele almejou alcançar, valendo-se do fato musical".

Vale mencionar que, além da inspiração em alguns de

meus professores universitários, tive a honra de aprender nos primórdios da minha jornada universitária junto ao regente do coral do Instituto Federal do Ceará, Davi Silvino, filho da maestrina Izaira Silvino, a reger e a cantar no naipe dos contraltos e perceber o quão caótico, porém, divertido, é a vida de quem se responsabiliza por semear e cultivar arte em outras pessoas.

Por meio da reflexão de Hans-Joachim Koellreutter, sobre os métodos ultrapassados que são utilizados no processo de ensino, em que existe muita mecanização e apego ao *Habitus* conservatorial, desprezando a essência musical, tentei conduzir os alunos à desconstrução dos engendramentos internalizados pela vida cotidiana. Ademais, os levei à musicalização por meio de jogos rítmicos, expressivos, musicalizadores e socializadores para os incentivar a expressar todo o seu potencial e despertar o senso crítico.

Diante do que vivi, compreendo melhor a necessidade de uma escuta apurada e sensível ao que estávamos fazendo. Nesta direção, dialoguei com a pedagogia proposta por R. Murray Schafer, na qual a escuta ativa é primordial para a construção da arte musical, não sendo somente o foco pragmático na percepção de alturas que deve ser trabalhado, mas, antes, a vida que está pulsando e acontecendo ao nosso redor.

Nos encontros semanais sugeri que todos se ouvissem e se olhassem atentamente para poderem soar musicalmente, o que gerava desconforto em algumas pessoas, mas rapidamente isso se atenuava. Sendo assim, busquei pôr em prática o que diz Schafer:

[...] Todo professor precisa levar em conta suas idiosincrasias. Sinto que ninguém pode aprender nada sobre o real funcionamento da música se ficar sentado, mudo, sem entregar-se a ela. Como músico prático, considero que uma pessoa só consiga aprender a respeito de som produzindo som; a respeito de música, fazendo música. Todas as nossas investigações sonoras devem ser testadas empiricamente, através dos sons produzidos por nós mesmos e do exame desses resultados. [...] Os sons produzidos podem ser sem refinamento, forma ou graça, mas eles são nossos (SCHAFER, 2011, p. 56).

Desse modo, acontecia a desconstrução de julgamentos internos e a aprendizagem se desenvolvia. Sinto que os guiei à consciência para priorizar a escuta, primeiramente no interior de cada um.

Outro ponto a ser lembrado, como fator de aprofundamento do processo musical, foi a autopercepção influenciada por algumas correntes de pensamento musical, em que a turma, por meio de exercícios, se sensibilizou para os processos que ocorriam em seus músculos, tendões, ligamentos e articulações, promovendo noções da postura do corpo no espaço e desenvolvimento da consciência corporal. Dessa forma, os sujeitos liberavam seus medos e tensões e tornavam-se dispostos às atividades propostas, externando sentimentos musicais íntimos e peculiares que se originavam de cada um.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de ensinar pessoas de variadas culturas familiares, religiões, gostos musicais e tendências pessoais, enriqueceu bastante minha vida e formação profissional. Por em prática tais metodologias e perceber o desenvolvimento por meio deste processo me enchia de alegria, pois cada pessoa descobria um universo novo de potencialidades e cultura dentro de si, ultrapassando suas limitações e medos. Particularmente, da mesma forma isso me ocorreu, pois ao ensiná-los a trilhar o caminho no progresso de se conhecerem musicalmente, eu também passei a me compreender melhor e enxergar um mundo de possibilidades dentro da minha docência e arte.

Lecionar para um público mais maduro, com o suporte necessário, me ajudou a compreender a Aprendizagem Musical Compartilhada como estimuladora do pensamento crítico; integradora dos laços sociais, pois, por meio da música os indivíduos podem se conectar e criar vínculos de pertencimento. Além disso, tive a possibilidade de incentivar a autopercepção dos participantes. Sendo assim, a partir dos referenciais acadêmicos, busquei criar, coletivamente, um espaço de aprendizagem no qual todos pudessem vivenciar a música em vários aspectos, tais como o emocional, o mental e o físico.

Essa experiência me possibilitou refletir sobre a importância do professor como agente instigador de reflexões, ao mesmo tempo em que, este, busca ofertar um ambiente saudável no qual os alunos possam pensar sobre a música e sua criação. Assim sendo, colhi essa aprendizagem para fortalecer meus próximos passos como docente. Vale ressaltar que os ganhos pessoais foram: confiança para lecionar em sala de aula, proatividade, experiência e autoconhecimento.

Considerando os aspectos a serem melhorados, destaco a necessidade de um espaço físico mais adequado para o ensino de música, incluindo práticas coletivas de autopercepção. No primeiro semestre, as salas, tanto no Instituto de Cultura e Arte (ICA), quanto no auditório da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, no Benfica, eram inadequadas, com carteiras duras, acústica deficiente e falta de espaço, o que desestimulava a realização das atividades planejadas. No ICA, procurei outras salas, enquanto no Benfica, ajustei meu planejamento e organizei o espaço de forma acolhedora, antes de iniciar as atividades.

Adotando uma perspectiva autocrítica, reconheço que a busca por conhecimento deve ser o ponto central na trajetória de um professor. Embora me encontre no início de minha carreira, reflito constantemente sobre essa busca para aprimorar-me metodológica e humanamente. Enfrentei consideráveis dificuldades nos primeiros meses, especialmente em relação ao planejamento e a alguns aspectos técnicos de técnica vocal. Contudo, dediquei-me à pesquisa de materiais adicionais e recebi auxílio da minha orientadora.

Foi por meio da experiência da bolsa que ampliei minha

compreensão sobre diversos aspectos da minha vida pessoal e profissional. O ato de ensinar proporcionou-me valiosas lições de vida, permitindo-me entender as dificuldades e os sucessos do processo educacional. Enfrentar esses desafios contribuiu significativamente para o meu amadurecimento pessoal e para a implementação prática dos conhecimentos que me fizeram evoluir como discente no campo da música. Levo comigo as memórias das relações construídas e dos saberes compartilhados coletivamente.

Acerca das conclusões que obtive sobre a experiência, Piaget (1973, p. 45) aponta: "O principal objetivo da educação é criar pessoas que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram". Decidi que, a partir de minhas experiências anteriores à bolsa, eu buscava propor um espaço menos opressivo e castrador aos participantes, no qual todos pudessem elaborar suas próprias ideias e alcançar conclusões sobre o que era desenvolvido. As atividades em sala tinham como propósito estimular novas reflexões e ajudar à chegada de novos entendimentos que pudessem proporcionar qualidade de vida e prazer.

Ainda sobre o mesmo ponto, Silvino (2007, p. 39) escreve:

A música é uma criação cultural destes seres, as criaturas humanas, sujeitos históricos, agentes de seu tempo vivido. A música e as demais artes. Cada arte depura, regula, aperfeiçoa, constroi ou desenvolve uma das antenas do corpo humano. A música é a estratégia de regulação da antena auditiva, que se completa pela dimensão fonadora daqueles homens e mulheres que se compartilham e compartilham este planeta entre si. A música é filha da necessidade de se dizer e irmã da vontade de entender o outro, meu igual. A música e todas as artes.

Poder instigar percepções sensoriais por meio de dinâmicas socializadoras e questionar os conhecimentos já estabelecidos, a partir de meus referidos teóricos, criou uma atmosfera de descobertas coletivas. Pode-se concluir que no âmbito da educação musical, a partilha de ideias, intenções e emoções, além de conhecimentos, faz-se importante para despertar o desenvolvimento da criatividade musical entre os indivíduos. Sem dúvidas, ao externar a própria musicalidade, o sujeito influencia o outro em sua vivência artística.

Em virtude dessa experiência coletiva, emergiu em mim a necessidade de documentar as vivências em sala de aula, com o propósito de promover reflexões acerca das potenciais direções da educação musical. Com a determinação de desafiar as normativas opressivas inerentes ao meio acadêmico, empenhei-me na criação e na exploração de um ambiente propício à experimentação para os participantes. Subscrovo a convicção de que é factível propor abordagens educativas inovadoras, que contemplem tanto a aquisição de habilidades técnicas no canto quanto o fomento da expressão musical individual.

A partir desses encontros, constatei que todos os participantes apresentavam-se bem, dispostos e felizes,

uma vez que a integração promovida pela música gerava afetividade e fortalecia a autoestima. De maneira análoga, em outras atividades relacionadas à docência e além do contexto da bolsa, busquei implementar a mesma postura pedagógica, com o objetivo de desenvolver e vivenciar a música, em vez de simplesmente suscitar a ênfase em conhecimentos técnicos.

Gostaria de enfatizar a minha gratidão pela oportunidade de contar com coordenadores excepcionais que prestaram assistência de forma ágil e eficaz. Lamentavelmente, essa experiência contrasta com a realidade de outros ambientes de ensino musical, em que tal prontidão e eficiência são raramente observadas. Apesar dos desafios enfrentados nos locais onde as aulas foram ministradas, o grupo coletivamente se apoiou no poder unificador da música, permitindo a preparação de um repertório adicional que foi apresentado com sucesso nos Encontros Universitários de 2023. Essa colaboração evidencia a importância da solidariedade e da comunhão de esforços no contexto educacional, mesmo diante de obstáculos.

Diante dessa maravilhosa oportunidade, Silvino (2007, p. 30) se revela, mais uma vez, pertinente: "a música é minha grande paixão, meu mote de existir, meu sentido de viver. Minha cabeça pensa musicalmente. Há sempre música em meus pensamentos. Não consigo apartar-me de sons em meu interior. Durmo e acordo ouvindo música." A partir da base estabelecida na minha infância, a música floresceu e, em meio ao ambiente acadêmico, empenhei-me para superar as barreiras impostas, com o propósito de oferecer alegria àqueles que estão abertos à apreciação e vivência da música.

## REFERÊNCIAS

---

ABREU, Yure Pereira de; MATOS, Elvis de Azevedo; DIAS, Ana Maria Iório. Em busca de uma solidária formação humana e musical: aprendizagem musical compartilhada. **International Journal of Development Research**, v. 12, n. 2, p. 54105-54112, February, 2022.

BRITO, Teca Alencar de. Hans-joachim Koellreutter: músico e educador musical menor. **Revista da Abem**, v. 23, n. 35, 2015.

MATOS, Elvis de Azevedo. **Ronda de Memórias: Aprendizagem Musical Compartilhada**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2024.

PEREIRA, Marcus Vinicius Medeiros. **O ensino superior e as licenciaturas em música: um retrato do habitus conservatorial nos documentos curriculares**. Campo Grande: Editora UFMS, 2013.

PIAGET, Jean. **Para entender é Preciso Inventar**. 1. ed. Estados Unidos: Grossman Publishers, 1973.

SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante**. 2. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2011.

SILVINO, Izáira. **...Ah, se eu tivesse asas...** 1. ed. Fortaleza: Ed. Ce, 2007.